

# Eternidade da mente e “o remédio das paixões” na *Ética* de Spinoza

---

Jonathan Alves Ferreira de Sousa  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGLM/UFRJ)  
e-mail: [profjonathansousa@gmail.com](mailto:profjonathansousa@gmail.com)

**Resumo:** A última parte da *Ética demonstrada à maneira dos geômetras*, obra mais importante do projeto ético de Baruch Spinoza, revela o que pode ser considerado uma contradição ou assimetria com o restante da obra, na questão da relação da mente com o corpo. Em suas últimas afirmações, particularmente na segunda metade da parte 5, Spinoza se concentra em mostrar como a ação reflexiva da mente é o ponto fundamental para a beatitude. Deste modo, a vida presente e a busca de um “remédio para as afecções” deixam de ser o que impulsiona o indivíduo eticamente em direção à beatitude. Neste artigo apresento como a compreensão das essências na filosofia de Spinoza é fundamental para o entendimento de que a parte eterna da mente é o caminho correto para a conclusão do projeto ético spinozano de uma vida vivida a partir do ponto de vista da eternidade.

**Palavras-chave:** *Ética*, Spinoza, Eternidade, Beatitude.

**Abstract:** The last part of the *Ethics, Demonstrated in Geometrical Order*, the most important work of Baruch Spinoza’s ethical project, reveals what can be considered a contradiction or asymmetry with the rest of the work, in the question of the relationship between mind and body. In his last statements, particularly in the second half of part 5, Spinoza concentrates on showing how the reflective action of the mind is the fundamental point for beatitude. In this way, the present life and the search for a "remedy for the affections" cease to be what impels the individual ethically towards beatitude. In this article I present how the understanding of essences in Spinoza's philosophy is fundamental for the understanding that the eternal part of the mind is the correct path to the conclusion of Spinoza’s ethical project of a life lived from the point of view of eternity.

**Keywords:** *Ethics*, Spinoza, Eternity, Beatitude.

## 1. Introdução

Meu ponto de partida é mostra que na última parte da *Ética demonstrada à maneira dos geômetras*, Spinoza parece abandonar, ou no mínimo enfraquecer, o conceito de paralelismo entre mente e corpo, colocando em questão não mais a mente em relação com corpo, mas apresentando a parte eterna da mente como sendo superior à parte temporal e tomando-a como o caminho principal para o indivíduo alcançar a beatitude. Na relação da mente consigo mesma, portanto, é que se encontra o caminho para a beatitude.

A beatitude para Spinoza, deste modo, relaciona-se mais com a ligação do indivíduo com o que é eterno, infinito, e, por isso, ele pode afirmar que a parte eterna da mente é superior à parte

temporal. Me parece que Spinoza quer mostrar que esse corte no pensamento desenvolvido até a proposição 20 da parte 5 da *Ética* é necessário para fazer com que o leitor entenda que o indivíduo só é capaz de atingir a verdadeira felicidade enquanto estiver inserido na universalidade divina, como parte integrante de sua totalidade, capaz de compreender-se no todo de sua existência a partir de ideias adequadas. O que mostrarei a seguir é que a assimetria<sup>1</sup> assumida entre mente e corpo irá desempenhar um papel mais relevante na segunda seção da parte 5 da *Ética*, quando Spinoza assume que o pensamento racional reflexivo, aquele que está presente na relação mente x mente, é que passa a ser a chave para a beatitude, pois uma parte da mente, a parte eterna, é superior à parte temporal, tal qual afirmado na E5p38e, na E5p39e e na E5p40c,e.

Isso não quer dizer que o corpo não desempenhe nenhum papel na conquista da beatitude. Na E5p39, Spinoza, dirá que “quem tem um corpo capaz de muitas coisas tem uma mente cuja maior parte é eterna”. Na sequência desta proposição, o filósofo holandês demonstra que há alguma relação entre o aumento das afecções corporais que faz com que o corpo seja afetado menos pelos afetos maus com o consequente aumento de uma maior parte eterna da mente. Como pode haver essa relação? Existe uma parte da mente que é eterna e se torna melhor quando do aumento de afecções corporais que se dá no tempo? Veremos como aquilo que acontece no corpo, quando percebido de maneira adequada, irá fazer com que a parte eterna da mente se torne maior e, por isso, aquele que tem um corpo capaz de muitas coisas, quando essas coisas são percebidas de maneira adequada, tem uma mente cuja maior parte é eterna.

A relação da mente consigo mesma permeia toda a segunda metade da parte 5 da *Ética*, onde Spinoza constantemente faz referências à parte eterna da mente como primordial para alcançar um conhecimento adequado de Deus e do mundo. Spinoza ainda diz claramente que a parte principal da mente é a parte eterna<sup>2</sup> e que a parte que permanece é mais perfeita que a outra que perece.<sup>3</sup> Assim, consideramos suficientemente claro que, apesar de não podermos simplesmente ignorar a parte temporal da mente, a parte eterna da mente nesta atitude racional reflexiva é primordial para alcançar a beatitude e que, ainda, a parte eterna é superior à temporal, pois é somente a partir dela que o indivíduo consegue se enxergar participante da eternidade divina, e se enxergar participante nesta eternidade é perceber-se do ponto de vista da eternidade, ou seja, através de ideias adequadas. A mente que dura enquanto dura o corpo<sup>4</sup> não é capaz de se

<sup>1</sup> Esta assimetria é explicada pela capacidade de o Pensamento representar realidades distintas de si mesma.

<sup>2</sup> E5p39e.

<sup>3</sup> E5p41c.

<sup>4</sup> E5p40c.

perceber como eterna justamente porque tudo o que consegue enxergar são apenas as configurações passageiras da extensão, das leis de movimento e repouso, que são sobretudo dados da imaginação que conduzem à passividade por serem dados através de ideias inadequadas.

Meu objetivo final é mostrar que, apesar de ter definido a mente como sendo a ideia do corpo, graças ao paralelismo de E2p7, Spinoza, em seu projeto ético, evidenciará que, na verdade, o que importa realmente para alcançar a liberdade e a felicidade não é o corpo, e sim a mente, pois a parte eterna da mente é mais importante que a parte temporal, e, por isso, a mudança de perspectiva na passagem das proposições 20 e 21, da parte 5. Por fim, e talvez ainda mais interessante, é perceber que Spinoza retoma o tema do corpo na E5p39, mesmo tendo dito anteriormente que não iria mais falar nada que tivesse relação com o corpo. A partir disto, surge uma questão importante, a saber, qual a relação de uma vida "segundo o ponto de vista da eternidade" com a vida prática dos indivíduos e como isso leva o ser humano a ser livre e encontrar a verdadeira felicidade? A consciência da eternidade e seus desdobramentos traz algum conforto para a vida diária dos indivíduos? A consciência da relação da mente consigo mesma e da eternidade repele ou insere o indivíduo ainda com mais força nas relações mundanas e perecíveis das quais Spinoza busca em toda a segunda metade da parte 5 nos afastar?

A resposta à primeira e à segunda pergunta parece simples. Enxergar a vida sob o ponto de vista da eternidade, ou seja, sob o ponto de vista de Deus, é enxergar a vida através da parte eterna da mente, que se mostrará mais importante e fundamental para que o indivíduo perceba, a partir de uma atitude racional reflexiva, que a beatitude não está naquilo que é perecível ou passageiro ou nas coisas que são despertadas pelas paixões. A partir do entendimento da vida através do ponto de vista da eternidade, percebemos que participamos de algum modo desta mesma eternidade divina. Esta percepção deve trazer conforto, pois demonstra que o indivíduo conseguiu se afastar ao máximo das paixões que diminuem seu esforço em perseverar no seu ser e o quanto ele está mais próximo da beatitude ou da liberdade. A terceira pergunta proposta acima parece requerer um maior esforço para uma resposta. Ora, se há consciência da eternidade e, a partir disto, é possível perceber a vida através de um ato racional reflexivo, conseqüentemente gerando uma aproximação da beatitude, então, a resposta aqui se mostrará dúbia e novamente aparecerá uma assimetria, pois, ao mesmo tempo em que essa consciência repele o indivíduo da vida mundana das paixões, pois passou-se a enxergar as coisas sob o ponto de vista da eternidade, ela também nos insere com mais força nas relações cotidianas – afinal, sem a vida prática na duração, em ato, não poderia haver a possibilidade deste ato racional

reflexivo que leva à beatitude. Para compreender melhor este caminho reflexivo, abordarei nas próximas seções, o tema das essências em Spinoza e sua relação com a parte eterna do corpo e com a parte eterna da mente.

## 2. As essências, a parte eterna do corpo e a parte eterna da mente

Na E5p23, Spinoza afirma que “a mente humana não pode ser inteiramente destruída com o corpo: dela permanece algo, que é eterno”. Assim, é possível distinguir a mente em duas partes. Uma que perece junto com o corpo, a parte temporal; e uma parte que é eterna, que permanece mesmo após a destruição do corpo. Desta maneira, a mente é uma ideia de um corpo humano, por um lado, e a essência formal deste corpo, por outro lado. Disto podemos inferir que a mente é composta por duas partes, a imaginação em sua parte temporal e o intelecto em sua parte eterna. O intelecto é eterno porque é a ideia da essência formal do corpo e essa essência é eterna. Assim, se o intelecto é uma parte da mente, logo, uma parte da mente é eterna.

Na demonstração da proposição em questão, este algo eterno que permanece pertence ao mesmo tempo à essência da mente humana e é uma ideia que exprime a essência do corpo humano. Em sua demonstração, Spinoza aponta para a E2p13<sup>5</sup>, na qual é possível verificar que, assim como a mente humana é a ideia de um corpo humano, do mesmo modo, a ideia da essência formal de um corpo humano é em si uma ideia da essência formal da mente humana<sup>6</sup> e por isso pode-se afirmar que a parte eterna da mente pertence à essência da mente humana. Dois problemas irão surgir<sup>7</sup>: 1) relacionado ao paralelismo: se, pela E2p13, a mente humana é a ideia de um corpo humano, e se há alguma parte da mente humana que é eterna e que permanece após a destruição do corpo, então, pelo paralelismo, é necessário que exista alguma parte do corpo que seja eterna e que permaneça após a destruição da mente<sup>8</sup>; 2) relacionado à essência do corpo humano: a ideia da essência do corpo humano deve constituir um conhecimento sobre a essência do corpo humano. Assim, se a ideia da essência do corpo humano é a parte eterna da

---

<sup>5</sup> E2p13: O objeto da ideia que constitui a mente humana é o corpo, ou seja, um modo definido da extensão, existente em ato, e nenhuma outra coisa.

<sup>6</sup> Pela E2p21s, constatamos que a ideia e a ideia da ideia são a mesma coisa, tal qual a ideia do corpo e o corpo. Portanto, acreditamos também poder fazer este paralelo para a ideia da essência. Logo, a ideia da essência formal do corpo será igual a ideia da essência formal da mente.

<sup>7</sup> Cf. GARRETT, 2010, 293.

<sup>8</sup> Bennett, dando créditos a Curley, irá demonstrar três objeções para uma interpretação simétrica da relação paralela entre a parte eterna da mente e o corpo. Isto, no entanto, não significa que ele concorde com a doutrina da eternidade, pois em dado momento ele diz: “eu não o estou defendendo [Spinoza]: em minha interpretação disto, sua doutrina [de Spinoza] da eternidade é certamente falsa.” (tradução livre). Cf. BENNETT, 1984, p. 357-359.

mente, então um conhecimento da essência do corpo deve ser o conhecimento de alguma parte da mente. Essa essência do corpo humano, de acordo com E2p13s, parece envolver algum tipo de movimento e repouso que o define e diferencia de outros corpos. No entanto, o conhecimento humano baseado na sua distinção de movimento e repouso é deveras limitado. Esta limitação, por sua vez, não permite que a parte eterna da mente possa ser explicada pela ideia da essência formal do corpo humano. Ora, como vimos o conhecimento da essência formal do corpo baseado apenas na sua distinção de movimento e repouso não pode alcançar esta parte da mente, pois é limitado e confuso, dado que ocorre a partir da imaginação. É evidente que, portanto, sendo eterna a parte da mente que permanece, o único meio de conhecê-la é através das ideias adequadas.

Por outro lado, a fim de corroborar a teoria de que a ideia da essência formal do corpo humano pode explicar a existência de uma parte eterna da mente, irei mostrar como a essência formal do corpo pode constituir uma parte eterna do corpo, e como esta parte sobrevive à destruição da mente existente em ato. A parte que permanece, a parte eterna da mente, é o intelecto, pelo qual se diz que o indivíduo age; a parte que perece é a imaginação, pela qual se diz que o indivíduo é passivo. Desta maneira, a imaginação consiste em ideias inadequadas ou passivas, sendo “a única causa de falsidade” e ditas como 1º gênero de conhecimento; por outro lado, o intelecto consiste de ideias ativas ou adequadas, ditas como conhecimento de 2º e 3º gêneros<sup>9</sup>, pelo qual se diz que o indivíduo age. Portanto, enquanto a mente tem ideias<sup>10</sup>, podemos dizer que ela é composta pela imaginação e pelo intelecto.

A imaginação será exposta por Spinoza na E2 como o conhecimento das afecções sofridas pelo corpo humano enquanto existente em ato. O filósofo afirma: “chamaremos de imagens das coisas as afecções do corpo humano...”; “E quando a mente considera os corpos dessa maneira, diremos que ela os *imagina*.” (E2p17s). Na E2p18d ele afirma: “A mente imagina um

---

<sup>9</sup> Sobre os conceitos de gêneros do conhecimento, cf. E2p40s2, E2p41d e E2p42d. Spinoza analisa os três modos pelos quais o homem conhece; chama estes de conhecimento do primeiro, do segundo e do terceiro gênero. Como resultado da análise, descarta o primeiro, por avaliá-lo sujeito ao erro e à falsidade, e indica o segundo e o terceiro como os válidos para se distinguir o verdadeiro do falso, ou seja, para conhecer verdadeiramente as coisas. Spinoza também analisa os modos de percepção ou gêneros de conhecimento no *Breve Tratado* (Parte II), e no *Tratado da Correção do Intelecto* (TCI § 18-30); os gêneros do conhecimento serão importantes, pois na parte 5, Spinoza mostrará como o sábio, aquele que vive segundo os 2º e 3º gêneros dificilmente tem o ânimo perturbado (cf. E5p42s) em comparação com o ignorante, e que por isso, a sua capacidade de alcançar a liberdade, beatitude ou salvação (cf. E5p36s) é muito maior.

<sup>10</sup> Pela E2p11 constata-se que as ideias são fundamentais na constituição da mente. Podemos ler: “O que, *primeiramente*, constitui o ser atual da mente humana não é senão a ideia de uma coisa singular existente em ato.” (grifo meu). Ainda na E2ax3, verifica-se que os modos do pensar, tais como o amor, etc., não podem existir sem a ideia da coisa amada, etc.; por sua vez, uma ideia, pode existir sem que exista um modo do pensar. Se constata a partir destas duas proposições que uma mente só pode ser mente enquanto tem ideias.

corpo qualquer porque o corpo humano é afetado e arranjado pelos traços de um corpo exterior da mesma maneira pela qual ele foi afetado...”. E ainda, na E2p30 e E2p31, Spinoza irá afirmar que nem do nosso próprio corpo nem dos corpos exteriores que nos afetam podemos ter um conhecimento senão extremamente inadequado. Outrossim, o intelecto, sendo responsável pelo conhecimento de 2º e 3º gêneros, não pode consistir no conhecimento de qualquer modificação do corpo existente em ato. Na verdade, Spinoza, na E5p29, mostra que a mente, quando compreende as coisas pelo 2º e 3º gêneros do conhecimento, as compreende não por conceber a existência atual do corpo e suas modificações, “mas por conceber a essência do corpo sob a perspectiva da eternidade.” O escólio desta proposição aponta para a E2p45 e seu escólio, que afirmam que a existência em ato de uma coisa singular envolve necessariamente tanto a essência quanto a existência dessa coisa, enquanto elas existem em Deus, ou seja, a essência formal do corpo. Podemos perceber que imaginação e intelecto como partes da mente envolvem também o conhecimento das modificações do corpo humano existente em ato, obtidos a partir da imaginação, e o conhecimento da essência formal do corpo humano, que será obtido a partir do intelecto sob uma perspectiva da eternidade.

A mente humana é a ideia de um corpo existente em ato pela E2p13. Um corpo humano é composto de muitos indivíduos (de natureza diferente) altamente compostos, pela E2p13Post1 e E2p15d. Assim, um corpo é um composto de muitas partes distintas. Esta ideia que constitui um corpo altamente composto não é, por sua vez, nem o intelecto nem a imaginação somente, pois, pela E2p15, essa “ideia que constitui o ser formal da mente não é simples, mas composta de muitas ideias.” Desta maneira, parece correto supor que, se as partes da mente (intelecto e imaginação) não estão limitadas a serem somente ideias de muitas partes distintas que constituem um corpo, pelo paralelismo, as partes do corpo também não podem ser limitadas a serem somente partes espaciais distintas. Deve haver algo que possa ir além desta concepção, e este algo é a essência formal do corpo. Portanto, o corpo também contém partes para além das partes espaciais distintas em que é divisível, a saber: uma parte existente no tempo e espaço, limitada por seu aspecto espacial e temporal; e uma parte existente como um modo infinito, não limitada e, portanto, eterna. Uma essência formal não está limitada por tempo e espaço, ela é expressão contínua do atributo extensão e está intimamente ligada como parte do que é necessário para que o ser humano exista atualmente. E porque é um modo do atributo extensão, e mais, um modo infinito, esta parte permanecerá depois que corpo e mente existentes atualmente perecerem. Acredito ser suficiente esta análise para responder ao problema apontado anteriormente com relação ao paralelismo. Se existe uma parte da mente que é eterna, então,

pelo paralelismo, existe também uma parte do corpo que é eterna, qual seja, a sua essência formal.

### 3. Conhecer a essência é afirmar a parte eterna da mente

Um ser humano existente em ato é constituído por duas partes fundamentais, a parte temporal<sup>11</sup> e a parte eterna, esta última, constituída por uma essência formal do corpo e a ideia dessa essência. Essas duas partes, temporal e eterna, devem compor um ser existente em um dado tempo e espaço. Na E2p45, Spinoza afirma que a ideia de cada corpo singular existente em ato, no tempo e espaço, envolve a essência eterna e infinita de Deus. Na E2p46, o conhecimento dessa essência, diz Spinoza, é adequado e perfeito. Ora, como já apresentado, pela imaginação conhecemos as afecções do corpo existente em ato e esse conhecimento é totalmente inadequado, mas se o conhecimento de cada coisa singular envolve o conhecimento da essência eterna e infinita de Deus, logo, mesmo o conhecimento inadequado de um corpo existente em ato, dado pela imaginação, demanda algum conhecimento adequado de um atributo divino, uma vez que o conhecimento de cada coisa singular envolve a essência eterna e infinita de Deus e esta só pode ser conhecida de maneira adequada e perfeita. Como a mente humana pode conhecer a essência eterna e infinita de Deus, se esta se dá a conhecer através de um conhecimento adequado e perfeito, e a mente humana, através da imaginação, percebe as afecções dos corpos existentes em ato somente de maneira inadequada?

Todo conhecimento adequado, segundo Spinoza, é conhecimento de 2º e 3º gêneros e acontece através do intelecto, enquanto conhecimento inadequado é de 1º gênero e acontece através da imaginação. Pela E2p40s2, o segundo gênero do conhecimento acontece quando temos noções comuns e ideias adequadas das propriedades das coisas, propriedades essas que devem ser comuns a todos os indivíduos e que, quanto mais propriedades em comum houver entre os corpos, tanto mais será a capacidade da mente perceber adequadamente, pois é o que Spinoza afirma na E2p38c e E2p39c. Assim, é possível ter ideias adequadas das propriedades das coisas e também daquilo que se segue destas propriedades. O 3º gênero do conhecimento é o mais alto grau de conhecimento que pode existir, pois, conforme apresentado anteriormente, Spinoza afirma na E2p45 e E2p46 que a ideia de um corpo existente em ato envolve a essência

---

<sup>11</sup> Como o foco está em elucidar a função da parte eterna no alcance da beatitude, citar, de maneira *en passant*, a parte temporal, não traz prejuízo explicativo para o trabalho.

eterna e infinita de Deus e que não há possibilidade de esse conhecimento ser inadequado, obtido através da imaginação, mas ao contrário, este conhecimento é perfeito e adequado e só pode ser obtido através do intelecto.

É possível afirmar que todo o conhecimento humano envolve ideias adequadas e inadequadas. É possível afirmar também, pelo axioma capital da *Ética* spinozana, o axioma 4 da parte 1, que tudo que podemos conhecer ou entender envolve o conhecimento ou entendimento de sua causa. Desta maneira, conhecer as afecções que modificam um corpo humano existente em ato significa também conhecer a causa externa que gera tais modificações. No entanto, não se pode perder de vista que o conhecimento do corpo se dá pelo conhecimento de suas afecções e pelo conhecimento de sua essência formal, a qual é parte fundamental do corpo humano existente em ato. Assim, a mente, ao conceber as afecções de um corpo existente em ato e suas causas, deve também conceber algo de sua essência formal. Conhecer as afecções é conhecer de maneira inadequada e confusa, enquanto conhecer a essência envolve conhecer de maneira adequada e perfeita. Ao conceber as coisas deste último modo, através de sua essência, concebe-se de fato algo dos modos infinitos que lhes são causa e que, por serem causa, envolvem certas particularidades e por isso são a base para o conhecimento de 2º gênero. Já o conhecimento de 3º gênero se dá pelo conhecimento da natureza de um atributo divino em si, ou seja, da ideia adequada da essência formal de um atributo divino.

É evidente, no entanto, que a mente não pode conhecer tudo de si que a distingue de outras coisas. Desta maneira, o conhecimento da essência formal do corpo humano não deve ser limitado ao conhecimento de algo particular existente em ato, mas sim ser o conhecimento de certas particularidades da natureza da sua essência tais como elas se manifestam na essência formal do corpo humano. Assim, o conhecimento do 1º gênero constitui o conhecimento das relações entre corpos existentes em ato e o conhecimento de 2º e 3º gêneros, também comumente chamados de conhecimento intelectual, constituem o conhecimento a respeito da essência formal do corpo humano. Se, portanto, agora, é possível ter um conhecimento da essência formal do corpo humano, então fica estabelecida a existência de uma parte eterna da mente; afinal, a ideia que exprime a essência formal do corpo só pode vir do conhecimento intelectual sob o ponto de vista da eternidade e, portanto, como afirma a E5p23s, essa ideia pertence à essência da mente e é necessariamente eterna. Creio que, desta maneira, é possível responder satisfatoriamente ao questionamento acerca da essência formal do corpo e a parte eterna da mente. O conhecimento da essência formal do corpo só pode ser dado de maneira adequada e perfeita. Ora, como a imaginação só pode conhecer de maneira inadequada e



imperfeita, mas a mente humana é composta de imaginação e intelecto, logo, o conhecimento da essência formal do corpo só pode vir da parte da mente responsável pelo conhecimento adequado e perfeito, e essa parte, como vimos, é a parte responsável pelos conhecimentos de 2º e 3º gêneros, a parte que permanece, a parte eterna da mente, o intelecto.

#### 4. Conhecer adequadamente é ter a maior parte da mente eterna

Vencidas estas etapas, resta ainda entender como a parte eterna da mente está relacionada à capacidade que os corpos têm de fazer mais coisas. Como uma coisa eterna, neste caso, uma parte da mente, pode ser maior ou menor dependendo da capacidade de fazer mais ou menos coisas do corpo que ela representa? Se esta parte da mente é eterna, como pode ela aumentar ou diminuir? É, no entanto, exatamente isto que Spinoza afirma quando diz:

Quem tem um corpo capaz de muitas coisas tem uma mente cuja maior parte é eterna. (E5p39)

Quanto mais cada um se torna forte neste gênero do conhecimento [3º gênero], tanto mais está consciente de si próprio e de Deus, isto é, tanto mais é perfeito e feliz. (E5p31s)

O sábio, enquanto considerado como tal, dificilmente tem o ânimo perturbado. Em vez disso, consciente de si mesmo, de Deus e das coisas, em virtude de uma necessidade eterna, nunca deixa de ser, mas desfruta, sempre, da verdadeira satisfação do ânimo. (E5p42s)

Spinoza parece deixar claro, portanto, que não só o nível ou grau de conhecimento ou sabedoria está diretamente relacionado com ter uma mente cuja maior parte é eterna, mas também a quantidade variável de afecções do corpo que essa mente experimenta. Mas se a essência formal do corpo humano, como vimos, é um modo infinito, portanto, ele é imutável. Ora, pelo paralelismo, a ideia da essência formal deste corpo humano deve ser imutável igualmente tal como a essência do corpo humano em si. Como pode a parte da mente que é eterna crescer ou diminuir à medida que a sabedoria ou conhecimento aumenta ou diminui?

Respondendo a este ponto, Garrett irá afirmar que a solução está em distinguir as ideias como elas são em Deus simplesmente e as ideias como elas são em Deus na medida que Deus tem ou constitui a mente de uma coisa singular<sup>12</sup>. Apoiado pela E2p11c, que afirma que a mente humana é parte do intelecto infinito de Deus e que Deus, enquanto constitui a essência da mente humana, tem esta ou aquela ideia, é possível afirmar que uma ideia existe em Deus como parte

---

<sup>12</sup> GARRETT, 2010, p. 299.

de seu intelecto infinito, o qual, por sua vez, conhece com perfeição todas as ideias que são seus efeitos. Por outro lado, uma ideia também existe na mente de uma coisa singular enquanto esta coisa singular existe na duração, a qual, por sua vez, mas de maneira contrária, tem um poder limitado de conhecer as coisas. A essência de uma coisa, tomada como uma ideia de Deus, é representada, portanto, por cada propriedade desta essência com alto grau de potência de pensar, uma vez que o poder de pensamento divino é infinito. Não podemos dizer o mesmo da ideia da essência formal que uma coisa singular tem de si, pois sua potência de pensar é finita e limitada e, portanto, a consciência de sua própria essência formal derivada de sua potência de pensar não é totalmente completa.

Todavia, uma coisa singular pode exprimir sua potência sob qualquer atributo, incluindo o atributo pensamento, apenas na medida em que se aproxima de uma condição de ter poder de preservar a si mesma, ou seja, uma condição de autossuficiência causal similar ao da substância<sup>13</sup>. Essa similitude permite afirmar a variação na potência de pensar existente entre as diversas coisas finitas. Variação esta que provém do fato mesmo de existir diferença de essência entre as diversas coisas finitas. A essência, tomada como uma perfeição, possibilita entender que, de fato, coisas singulares como uma pedra têm muito mais imperfeição (isto é, menos potência) do que um ser humano. Por nossa essência ser mais perfeita, ou seja, ter um grau mais elevado de perfeição do que o de uma pedra ou de um animal irracional, é que podemos falar em autossuficiência causal similar à da substância. Essa similitude existente em maior grau no ser humano que em outros seres mais rudimentares está ligada à capacidade que o ser humano tem de ter consciência de si, ou seja, de ter a capacidade maior de perceber a essência formal de seu próprio corpo do que um animal irracional. Assim, durante sua existência, um ser humano pode aumentar ou diminuir sua potência de pensar e, essa potência só pode ser aumentada pelo intelecto, que é sua parte eterna. Somente o intelecto pode conceber adequadamente, pois é eterno e concebe pelo 3º gênero do conhecimento, segundo o ponto de vista da eternidade, concebendo uma ideia eterna da essência formal de seu próprio corpo.

Desta maneira, uma ideia da essência formal do corpo humano como é em Deus simplesmente é imutável, e o ser humano vive em um esforço contínuo para que sua mente possa ter a maior aproximação possível, de maneira consciente, desta ideia adequada da essência formal de seu próprio corpo e de outras coisas com as quais ele se relaciona e que estão envolvidas nesta essência. Ora, quanto maior for o poder de pensamento de um indivíduo, mais

---

<sup>13</sup> GARRETT, 2002, p. 139. Cf. também a carta 19 de Spinoza. CURLEY, 1985, p. 278.

ele poderá ter ideias adequadas sobre as circunstâncias que o afetam. Se um indivíduo é capaz de ter mais ou menos ideias adequadas a depender de como ele usa sua potência de pensar nas circunstâncias cotidianas que o afetam, então ele tem a capacidade de tornar, ou não, a maior parte de sua mente eterna. Isto é o que diferencia o sábio do ignorante para Spinoza, ou seja, sua capacidade de ser consciente de si, de Deus e dos outros.

Um ponto ainda não explorado neste artigo é o do conceito de eternidade. Em linhas gerais, existem duas maneiras de compreender a eternidade em Spinoza, dependendo se ela é atribuída somente à substância ou se ela é atribuída não somente à substância, mas também aos modos. No que diz respeito a essa última maneira, ou seja, à eternidade dos modos, existem basicamente dois tipos de interpretação, os quais chamo, respectivamente, de ontológico e epistemológico, fez e continua fazendo com que o conceito de eternidade e tudo do que dele deriva a partir da filosofia spinozana seja até hoje debatido entre os comentadores. Contudo, a grande dificuldade, já apresentada acima, é a compatibilidade da noção de eternidade da mente com o paralelismo; afinal, como pode uma parte da mente continuar existindo, ou seja, ser eterna, mesmo após a destruição do corpo? A resposta ontológica vai afirmar que eternidade deve ser interpretada como sempiternidade e que existem dois tipos de eternidade; uma que se atribui à substância (na qual a eternidade significa ausência de duração) e outra que se atribui aos modos (na qual a eternidade significa sempiternidade). A resposta epistemológica, por sua vez, afirmará que a distinção entre a eternidade aplicada a Deus e a eternidade aplicada aos modos é apenas uma distinção de razão, pois não existem duas eternidades diferentes, mas apenas uma (entendida como ausência de tempo), ora aplicada a Deus, ora aplicada ao homem. Meu posicionamento é em favor desta segunda interpretação<sup>14</sup>.

Ao falar especificamente da parte eterna da mente, constatamos que o paralelismo nos força a afirmar que, para que haja uma parte da mente que é eterna, seu paralelo deve ser igualmente verdadeiro, ou seja, deve existir uma parte do corpo que seja eterna. Ora, a parte do corpo que é eterna é a sua essência formal, pois é um modo infinito. Esta conclusão é derivada da ideia de que, se um corpo é um composto de muitas partes distintas, e se a mente não é composta de uma simples ideia, mas composta de muitas ideias, logo, pelo paralelismo, já que o corpo não deve ser unicamente composto de partes espaciais, ele deve conter algo além desta concepção, a saber, a sua essência formal, modo infinito e, por isso, eterno. Desta forma, se o corpo tem uma essência formal que é eterna, logo, a mente deve ter também uma parte eterna. Assim, fica

---

<sup>14</sup> Para uma explicação mais detalhada destes argumentos, Cf. SOUSA, 2019, pp. 58–69.

evidenciada a existência de uma parte eterna da mente. Cabe citar, por fim, que o conhecimento da essência formal do corpo sob o ponto de vista da eternidade, ou seja, pelo 3º gênero do conhecimento é fundamental para que o indivíduo possa ter uma efetiva consciência de si e das relações afetivas em que está envolvido.

Isto posto, elaboro a seguir, uma base sólida para afirmar que Spinoza considerava a parte eterna da mente como a melhor parte, a parte mais importante da mente. Se a mente é composta de intelecto e imaginação e se o intelecto é a sua parte eterna, então, o intelecto deve ser a parte mais importante em comparação com a imaginação, que é a parte que perece juntamente com a destruição do corpo. Outro ponto interessante é demonstrar que a beatitude ou a verdadeira liberdade está diretamente relacionada a um ato mental reflexivo a partir da parte eterna da mente. Irei sustentar, em seguida, que é através de um relacionamento mente x mente que o indivíduo se tornará verdadeiramente livre.

## 5. Considerações finais

Spinoza, na finalização de sua *Ética* afirma que o caminho que conduz à beatitude é árduo, porém possível.<sup>15</sup> Neste trabalho constatamos de fato o que Spinoza afirmou. O caminho que conduz à beatitude, liberdade ou salvação só pode ser conhecido por aqueles que se preparam verdadeiramente, pois percorrer este caminho é andar por vias tortuosas que nos aproximam do conhecimento e amor de Deus. Contudo, o conhecimento e o amor de Deus só poderão ser alcançados se primeiramente conhecermos plenamente o que somos e as causas das coisas que nos afetam.

A tese do paralelismo e a relação existente entre mente e corpo são imprescindíveis na compreensão da filosofia spinozana. Contudo, Spinoza no final de seu projeto ético, parece romper com essa relação, ao dizer que “é, pois, agora, o momento de passar àquilo que se refere à duração da mente, considerada sem relação com o corpo.” (E5p20e) Ora, então, há uma parte do indivíduo que tem uma existência de alguma maneira desvinculada do corpo e esta parte é a parte eterna da mente. A E5p23 afirma: “a mente humana não pode ser inteiramente destruída juntamente com o corpo: dela permanece algo, que é eterno.” Como vimos acima, a teoria das

---

<sup>15</sup> E5p42s diz: “Se o caminho, conforme já demonstrei, que conduz a isso parece muito árduo, ele pode, entretanto, ser encontrado. E deve ser certamente árduo aquilo que tão raramente se encontra. Pois se a salvação estivesse à disposição e pudesse ser encontrada sem maior esforço, como explicar que ela seja negligenciada por quase todos? Mas tudo o que é precioso é tão difícil como raro.”

essências de Spinoza afirma que conhecer a essência é afirmar a parte eterna da mente. Quando se compreende que a mente humana é constituída por uma parte temporal e uma parte eterna e que é a parte eterna, ou seja, o intelecto, que é responsável pelos conhecimentos adequados, então, o enfoque nas coisas temporais deve ser colocado sob suspeita, pois estes, dados pela imaginação, apenas garantem conhecimentos inadequados e confusos sobre si, sobre Deus e sobre outras coisas que a afetam. O conhecimento adequado através da parte eterna da mente é fundamental na busca da beatitude, pois é a parte eterna que, quando reflete sobre si, ou seja, age reflexivamente de maneira racional, consegue perceber as coisas sob a perspectiva da eternidade, de maneira adequada, de forma a ser agente ativo nas suas relações. A salvação, beatitude ou liberdade, conforme a E5p36s, consiste em um ato de amor intelectual da mente para com Deus. Este amor, atesta a demonstração desta mesma proposição, é uma ação por meio da qual a mente considera a si própria. Este ato de considerar a si é o ato racional reflexivo a que nos referimos. Ele vem acompanhado da ideia de si e é chamado de amor intelectual da mente para com Deus e, por ser parte do conhecimento do 3º gênero, é superior ao conhecimento universal dado pelo 2º gênero.

Sendo assim, a parte eterna da mente é mais importante que a parte temporal. Isto não é sem apoio textual spinozano. Spinoza afirma algumas vezes o grau mais elevado de importância que a parte eterna da mente, a melhor parte, tem sobre qualquer outra parte temporal. Vejamos a E5p38e, a E5p39e e E5p40c, respectivamente:

Por outro lado, como (pela prop. 27), do terceiro gênero de conhecimento provém a maior satisfação que pode existir, segue-se que a mente humana pode ser de uma natureza tal que a sua parte que perece juntamente com o corpo, conforme indicamos (veja-se a prop. 21), não tenha nenhuma importância, em comparação com a parte que permanece.

Como os corpos humanos são capazes de muitas coisas, não há dúvida de que podem ser de uma natureza tal que estejam referidos a mentes que tenham um grande conhecimento de si mesmas e de Deus, e cuja maior parte, ou seja, cuja parte principal, é eterna, e que, por isso, dificilmente temem a morte[...]; [...] de tal maneira que tudo aquilo que esteja referido à sua memória ou à sua imaginação não tenha, em comparação com o seu intelecto, quase nenhuma importância, como já disse no esc. da prop. precedente.

Com efeito, a parte eterna da mente (pelas prop. 23 e 29) é o intelecto, por meio do qual, exclusivamente, dizemos que agimos (pela prop. 3 da P. 3). Em troca, aquela parte que demonstramos perecer é a própria imaginação (pela prop. 21), por meio da qual, exclusivamente, dizemos que padecemos (pela prop. 3 da P. 3 e pela def. geral dos afetos). Por isso (pela prop. prec.), a primeira, qualquer que seja sua magnitude, é mais perfeita que a segunda. C. Q. D.

O ato racional reflexivo traz, segundo Spinoza, enormes benefícios para aqueles que o buscam e alcançam. Portanto, a mente, segundo Spinoza, tem mais importância para a salvação do que o corpo. E mesmo que a E5p39 pareça apontar para uma equivalência entre mente e corpo, acredito que Spinoza apenas aponta para a relação mente/corpo no sentido de tornar a eternidade imanente, ou seja, no sentido que o corpo pode ser uma consequência do amor intelectual a Deus. E nesse sentido, estabeleço a conexão com a E5p20e, no qual Spinoza opera o corte em que afirma que não irá mais abordar o tema do corpo, mas sim “da mente, considerada sem relação com o corpo.”<sup>16</sup> Esse corte é fundamental na compreensão da importância da mente para alcançar a beatitude, pois é a partir dele que Spinoza demonstra que através da mente e não do corpo, que é possível alcançar o mais alto gênero de conhecimento. Por outro lado, é importante ressaltar que os caminhos que devem ser percorridos para alcançar esta meta são árduos. A salvação, beatitude ou liberdade está no final deste caminho. Ele é o ápice daqueles que conseguiram percorrer esta via que leva ao conhecimento de si, de Deus e dos outros através da melhor parte, a parte eterna da mente.

## Bibliografia

- BENNETT, Jonathan - *A Study of Spinoza's Ethics*. Hackett Publishing Company, 1984.
- CURLEY, E. M.; MOREAU, Pierre-François. (Editores). *Spinoza: issues and directions: the proceedings of the Chicago Spinoza Conference*. Leiden: E. J. Brill, 1990.
- CURLEY, E.M. *The Collected Works of Spinoza Vol I e II*. New Jersey: Princeton University Press, 1985.
- ESPINOSA, Baruch de - *Ética demonstrada à maneira dos géometras*. Tradução de Joaquim de Carvalho (Parte I), Joaquim Ferreira Gomes (Parte II e III) e Antônio Simões (Parte IV e V). Coleção Os Pensadores. São Paulo: Editora Abril, 1973.
- \_\_\_\_ - *Ética*. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016
- \_\_\_\_ - *Tratado da correção do intelecto*. Tradução de Carlos Lopes de Mattos. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Editora Abril, 1973.
- GARRETT, Don. “Spinoza on the essence of the human body and the part of the mind that is eternal”. In: *The Cambridge Companion to Spinoza's Ethics*, 2010, p. 284-302.

---

<sup>16</sup> SPINOZA, 2011, p. 227.